

Das Origens à Contemporaneidade: uma jornada pelo Transtorno de Personalidade Antissocial

From Origins to Contemporaneity: A Journey Through Antisocial Personality Disorder

Samantha Tormin
Camilly Victória de Araújo Pereira
Eduarda Aparecida Rocha Lima
Maria Vitória Mendes Lopes
Monalisa Aparecida Ferreira de Oliveira
Victor Gabriel Rodrigues dos Santos Alves
Ana Lúcia Costa e Silva
André Fernando Gil Alcon Cabral
e-mail: samantha.silva@aluno.imepac.br
DOI:10.47224/revistamaster.v11i21.684

Resumo

Este artigo de revisão narrativa explora a complexa evolução do conceito de psicopatia. Objetiva abordar sua trajetória histórica, desde as interpretações religiosas iniciais até os avanços científicos modernos. Destaca como a sociedade e a mídia moldaram estigmas e percepções sobre o tema, e analisa, cronologicamente, casos e estudos pioneiros cruciais para a compreensão desse transtorno. A metodologia empregada consiste em uma revisão narrativa da literatura, conduzida no primeiro semestre de 2025. Utiliza as bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO e Google Acadêmico. Os descritores aplicados foram "psicopata" e "transtorno de personalidade antissocial". O estudo traça uma linha cronológica detalhada das contribuições do DSM-I (1952) ao DSM-5 (2013), detalhando a mudança de terminologias (como "sociopatia" para "Transtorno de Personalidade Antissocial - TPAS") e o desenvolvimento dos critérios diagnósticos. A trajetória histórica da compreensão da psicopatia revela uma evolução significativa no entendimento desse complexo transtorno de personalidade; desde as primeiras tentativas de explicar comportamentos criminosos, muitas vezes atribuídos a influências externas e forças obscuras, até os avanços modernos na psiquiatria forense, propiciando que o conceito de psicopatia passasse por transformações profundas, refletindo as mudanças na sociedade e na ciência.

Palavras-chave: Psicopata; transtorno de personalidade antissocial; DSM.

Abstract

This narrative review article explores the complex evolution of the concept of psychopathy. Its objective is to examine its historical trajectory, from early religious interpretations to modern scientific advances. It highlights how society and the media have shaped stigmas and perceptions on the subject and provides a chronological analysis of pioneering cases and studies crucial to the understanding of this disorder. The methodology employed consists of a narrative literature review, conducted during the first semester of 2025. The databases used were the Virtual Health Library (VHL), SciELO, and Google Scholar. The descriptors applied were "psychopath," and "antisocial personality disorder". The study outlines a detailed chronological account of the contributions from the DSM-I (1952) to the DSM-5 (2013), emphasizing the shift in terminology (such as "sociopathy" to "Antisocial Personality Disorder - APD") and the development of diagnostic criteria. The historical trajectory of understanding psychopathy reveals a significant evolution in the comprehension of this complex personality disorder; from the earliest attempts to explain criminal behavior, often attributed to external influences and dark forces to the modern advances in forensic psychiatry, which have allowed the concept of psychopathy to undergo profound transformations, reflecting the changes in both society and science.

Keywords: Psychopath; antisocial personality disorder; DSM.

1 INTRODUÇÃO

O senso comum frequentemente retrata psicopatas como indivíduos perigosos, frios e manipuladores, intrinsecamente ligados a crimes violentos e comportamentos antissociais extremos. Essa percepção é amplamente reforçada pela mídia, que dissemina imagens de psicopatas como figuras avessas a regras, movidas exclusivamente por interesses próprios, e dispostas a enganar, explorar e fraudar, independentemente de laços familiares.

Influenciadas por essa visão popular, as pessoas associam a psicopatia unicamente a assassinos em série ou à ausência total de empatia. Há também a crença de que traços de psicopatia podem ser observados na infância, manifestados por atos de violência, vocabulário inadequado, dificuldade em formar amizades e vínculos, e ausência de medo. Contudo, é crucial diferenciar esses comportamentos de outros transtornos, como o autismo, ou da mera falta de acompanhamento parental. (Hauck Filho *et al.*, 2009).

Buscando uma compreensão mais assertiva, é preciso considerar que por vezes, o termo "psicopatia" é cientificamente relacionado ao transtorno de personalidade antissocial (TPAS), caracterizado por um padrão de comportamentos que incluem a falta de empatia, manipulação, impulsividade e um persistente desrespeito às normas sociais. É fundamental destacar que nem todos os indivíduos diagnosticados com TPAS são violentos ou assassinos; entretanto, seus comportamentos transgressores frequentemente desafiam os limites éticos e legais. (da Silva, 2024).

Assim, este estudo tem como objetivo, abordar a evolução histórica do conceito de psicopatia, desde as primeiras interpretações religiosas até os avanços científicos modernos, destacando como a sociedade e a mídia contribuíram para moldar estigmas e percepções sobre o tema; além de analisar, cronologicamente, casos e estudos pioneiros que foram cruciais para a compreensão desse complexo transtorno, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema.

2 METODOLOGIA

Este estudo constitui uma revisão bibliográfica, desenvolvida como atividade avaliativa da disciplina de psicopatologia, durante o primeiro semestre de 2025, com a coleta de dados realizada entre abril e maio de 2025. Optou-se por essa abordagem metodológica devido à sua flexibilidade e capacidade de fornecer uma visão ampla e aprofundada sobre a evolução histórica de conceitos e as diferentes perspectivas sobre o tema da psicopatia.

A pesquisa foi realizada em bases de dados científicas como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciELO e Google Acadêmico, nas quais foram utilizados os seguintes descritores e suas variações: "psicopata", "casos de psicopatia", "transtorno de personalidade antissocial" e incluindo menções ao "DSM" em suas versões mais recentes.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos materiais foram: artigos científicos (de revisão e originais), teses e dissertações, publicados no idioma português, que abordassem diretamente a evolução histórica, o conceito ou casos relevantes de psicopatia e transtorno de personalidade antissocial. Foram excluídos da análise artigos que não se enquadravam nos objetivos do estudo, materiais de cunho não científico (como notícias de blogs, periódicos não acadêmicos etc.) e publicações que não estivessem disponíveis na íntegra.

Após a busca, os artigos selecionados foram lidos na íntegra e as informações relevantes foram sintetizadas e categorizadas de forma qualitativa e descritiva, focando na cronologia dos conceitos, nas características da influência social e midiática e nos casos paradigmáticos que ilustram a compreensão do transtorno ao longo do tempo.

3 FUNDAMENTAÇÃO E CRONOLOGIA DO TEMA

Ao longo da história da Psicologia e da Psiquiatria, diversos autores abordaram as psicopatologias de maneiras distintas, refletindo suas percepções sobre esses fenômenos. Essas variações nas descrições, influenciadas pela cultura de cada época, impactaram diretamente a forma de tratar os indivíduos acometidos por disfunções da mente. (Moraes; Macedo, 2018).

Em resposta a essas dificuldades e buscando padronizar a compreensão dos transtornos mentais, a Organização Mundial da Saúde (OMS), em conjunto com a Associação Americana de Psiquiatria (APA), desenvolveu o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) cuja finalidade era delimitar sintomas e critérios para um diagnóstico mais eficaz dos distúrbios mentais, contribuindo para a criação de prognósticos mais precisos e realistas. (Alvarenga, 2009).

Atualmente, entende-se que os transtornos de personalidade são descritos como padrões comportamentais que não podem ser explicados pelo uso de substâncias nem associados a outros transtornos, além de causarem sofrimento subjetivo e prejuízo no convívio social. No entanto, ao longo dos anos, os critérios para o diagnóstico desses transtornos foram sendo modificados com a publicação de novas edições do DSM.

A primeira edição do DSM foi publicada em 1952, após inúmeras revisões e, nesta edição, os transtornos de personalidade foram agrupados em diversos eixos diferentes. O diagnóstico de psicopatia, como o conhecemos hoje, assemelhava-se ao de Personalidade Sociopática ou Sociopatia e a descrição do transtorno enfatizava mais os comportamentos do que os aspectos psicológicos, refletindo o esforço da APA em analisar e compreender como fatores ambientais, sociais e culturais poderiam influenciar a formação da personalidade sociopata. Além disso, as avaliações diagnósticas eram baseadas em observações clínicas e na descrição comportamental realizada pelos profissionais de saúde mental. O diagnóstico era mais subjetivo e dependia da percepção do avaliador, pois nesse período não havia testes estruturados ou critérios bem definidos. (Alvarenga, 2009).

Ainda nesta primeira edição, a sociopatia era dividida em reação dissocial, reação antisocial, desvio sexual e vícios, sendo estes últimos subdivididos em drogas e alcoolismo. Atualmente, ainda é comum o uso dos termos sociopatia e psicopatia como sinônimos, fenômeno que ocorre devido à relação entre eles na primeira edição do DSM. Atualmente, entende-se que a sociopatia está associada a comportamentos explosivos, impulsivos, agressivos e dificuldade de se adaptar às normas sociais. Já a psicopatia, por outro lado, refere-se a características afetivas mais marcantes, como manipulação, ausência de empatia e frieza. Enquanto os sociopatas apresentam uma desorganização e dificuldade de se adaptar à sociedade, os psicopatas conseguem ser mais calculistas e se integram bem ao ambiente em que estão. (Alvarenga, 2009).

Em 1968, o DSM-II introduz o termo "Transtorno de Personalidade Antissocial" em substituição a nomenclaturas anteriores, como "sociopatia" e "personalidade psicopática". Essa mudança visava padronizar o diagnóstico e evitar conotações morais e criminais associadas ao termo "psicopatia". O transtorno foi descrito como uma condição persistente caracterizada por impulsividade, ausência de culpa ou remorso, comportamento manipulador e irresponsabilidade, associada à incapacidade de se conformar às normas sociais e a uma tendência a comportamentos criminais e enganosos. No entanto, os critérios diagnósticos ainda eram amplos e baseados em observações clínicas subjetivas, o que dificultava a distinção do TPAS de outras condições psiquiátricas. O DSM-II marcou o início de uma abordagem mais estruturada para o diagnóstico do transtorno, embora o processo ainda fosse impreciso. (Alvarenga, 2009).

A partir das edições seguintes, a categorização dos Transtornos de Personalidade foi reformulada, permitindo uma diferenciação mais clara entre as diversas manifestações do comportamento antissocial. Assim, o DSM-III, publicado em 1980, marca um avanço significativo na abordagem diagnóstica ao introduzir o sistema multiaxial, separando os transtornos de personalidade (Eixo II) dos transtornos clínicos (Eixo I). O Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) foi classificado no Grupo B dos transtornos de personalidade, caracterizado por comportamentos impulsivos e antissociais. Nesta edição, os critérios diagnósticos foram

ampliados para incluir: violação das normas sociais (comportamentos que desrespeitam as leis), mentira e manipulação (uso de falsidades para obter vantagens), impulsividade (falta de planejamento), agressividade (comportamentos violentos) e irresponsabilidade (dificuldade em cumprir obrigações). (Alvarenga, 2009).

Além disso, o DSM-III estabeleceu que evidências de transtorno de conduta na infância ou adolescência são necessárias para o diagnóstico de TPAS na idade adulta, destacando a importância do desenvolvimento do transtorno ao longo da vida. O manual também enfatizou a influência dos fatores ambientais no desenvolvimento do TPAS, reduzindo a ênfase na predisposição genética. Essa abordagem refletiu um avanço importante na compreensão do transtorno, ao considerar a interação entre fatores ambientais e o desenvolvimento do TPAS.

No DSM-IV, de 1994, e em sua revisão, os critérios diagnósticos para o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) foram significativamente aprimorados. O transtorno foi descrito como um padrão invasivo de desrespeito e violação dos direitos dos outros, que se inicia na infância ou adolescência e persiste na idade adulta. Os critérios diagnósticos incluíam: comportamentos criminosos (execução repetida de atos que justificam detenção), engano e manipulação (uso frequente de mentiras e falsidades para obter vantagens pessoais), impulsividade e agressividade (dificuldade em controlar impulsos e tendência à violência), irresponsabilidade (falta de compromisso com obrigações sociais e financeiras) e falta de remorso (indiferença ou racionalização de comportamentos prejudiciais). O DSM-IV destacou que o TPAS é mais comum em homens e frequentemente está associado a um baixo nível socioeconômico. A sobreposição entre o TPAS e a psicopatia também foi reconhecida, embora o manual não tenha incorporado explicitamente os traços afetivos e interpessoais da psicopatia, como a falta de empatia e o charme superficial, características que são mais comuns em psicopatas. (Alvarenga, 2009).

Com o DSM-5, publicado em 2013, houve uma tentativa de implementar um modelo híbrido que combinava critérios categóricos e dimensionais para os transtornos de personalidade. Embora os critérios diagnósticos para o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) tenham permanecido em grande parte os mesmos, o DSM-5 adotou uma abordagem dimensional que avalia o TPAS com base em dois traços principais: desinibição (que inclui impulsividade e busca por recompensas imediatas) e antagonismo (caracterizado por manipulação e falta de empatia). O DSM-5 também destacou a importância de considerar fatores de risco biológicos e ambientais na manifestação do TPAS, reconhecendo a interação entre predisposições genéticas e traumas ambientais. Além disso, ressaltou a necessidade de diferenciar o TPAS de outros transtornos de personalidade e construtos relacionados, como a psicopatia. (Alvarenga, 2009).

Os estudos sobre o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) se intensificaram na década de 1970, com o objetivo de verificar a validade dos diagnósticos estabelecidos pelo DSM e identificar os melhores tratamentos para esse transtorno. Muitos autores realizavam pesquisas sobre esse fenômeno antes da criação do DSM, mas, a partir de seu desenvolvimento, os estudos passaram a focar mais nos critérios descritos no manual. (Alvarenga, 2009).

A etiologia do TPAS é um tema complexo e multifacetado, sugerindo componentes tanto genéticos quanto ambientais. Fatores hereditários desempenham um papel significativo na predisposição ao transtorno, particularmente em características como baixa reatividade emocional e impulsividade. No entanto, fatores ambientais, como abuso na infância, negligência parental e exposição a ambientes sociais adversos, também são fundamentais na manifestação do transtorno. O modelo biopsicossocial é amplamente aceito, reconhecendo que a interação entre predisposição genética e ambiente molda a manifestação dos comportamentos antissociais. (MSD Manuals, 2023).

A psicopatia e o Transtorno de Personalidade Antissocial (TPAS) são distintos, embora haja sobreposição. A psicopatia não é um diagnóstico clínico formal no DSM, ao contrário do TPAS, que foi desenvolvido para identificar características da personalidade psicopática. A relevância de investigar a psicopatia reside em sua

história, originalmente utilizada na medicina legal para descrever comportamentos antissociais extremos ligados a crimes violentos, em que as capacidades racionais não pareciam afetadas. (Morana *et al.*, 2006).

Atualmente, a psicopatia se refere a comportamentos antissociais associados a traços de personalidade disruptivos. Alguns autores diferenciam entre psicopatas "malsucedidos" (criminosos) e "bem-sucedidos" (altos escores em psicopatia sem histórico criminal), sugerindo que traços psicopáticos podem ser adaptativos em certos contextos, como ambientes competitivos. Assim, fatores sociais e ambientais podem influenciar a psicopatia. (Hauck Filho *et al.*, 2009).

A psicopatia não deve ser confundida com o TPAS, apesar de se caracterizar em apenas uma parcela dos casos de TPAS. A psicopatia é, de fato, um construto e não um diagnóstico clínico reconhecido em manuais nosográficos como o DSM. Por outro lado, o TPAS foi criado para avaliar o que se considera personalidade psicopática. A vantagem de se investigar a psicopatia e utilizar esse termo pode ser encontrada na própria história do construto. A priori, o termo era utilizado na medicina legal para designar quadros de comportamentos antissociais extremos, geralmente relacionados a crimes violentos, em que as faculdades da razão não pareciam prejudicadas. Hoje, designa o comportamento antissocial associado a traços disruptivos de personalidade. (Hauck Filho *et al.*, 2009).

Apesar dos estudos sobre traços psicopáticos ainda estarem em desenvolvimento, as conclusões definitivas permanecem incertas, exigindo mais investigação. Em geral, o diagnóstico de transtorno de personalidade antissocial só é feito na maioridade. É importante frisar que apenas uma parcela dos casos de TPAS se configura no construto de psicopatia; e para consolidar o construto, foi necessário que os pesquisadores estabelecessem critérios operacionais, além do uso de instrumentos para análise de casos. Entre os instrumentos utilizados para essa aferição, podemos mencionar o Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R), que possui 20 questões para as quais o avaliador deve atribuir um escore de 0 a 2, conforme a ausência, presença forte ou moderada de uma das características descritas pelo item. As informações para a pontuação são retiradas a partir de uma entrevista estruturada. Existem outras versões, de acordo com fatores subjacentes ou adaptadas para a faixa etária do entrevistado. O mais utilizado pressupõe a existência de quatro fatores subjacentes: *interpessoais, afetivos, de estilo de vida e antissociais*. (Hauck Filho *et al.*, 2009).

Além disso, a psicopatia também tem sido relacionada a modelos compreensivos dimensionais de personalidade e um dos modelos mais utilizados para este propósito é o modelo dos Cinco Grandes Fatores. É importante ressaltar que o TPAS geralmente não apresenta remissão completa, ou seja, não tem "cura". Entretanto, existem maneiras de equilibrar os quadros psicóticos, e o tratamento da psicopatia pode ser feito por meio de medicamentos indicados pelo psiquiatra, como o lítio, terapia, além do apoio de grupos como a família, amigos e comunidade. (Hauck Filho *et al.*, 2009).

4 CASOS EM PAUTA PARA REFLEXÃO SOBRE O TEMA

O interesse humano por narrativas envolvendo crimes, violência e morte não constitui um fenômeno exclusivamente contemporâneo, embora tenha adquirido novas formas de circulação e consumo com o desenvolvimento dos meios de comunicação. Na atualidade, a popularidade de conteúdos relacionados a crimes reais (*true crime*) pode ser associada, entre outros fatores, à curiosidade diante de acontecimentos incomuns, à busca por estímulos e ao envolvimento do público com a compreensão e a resolução dos casos. Nesse contexto, Dean Fido, psicólogo e pesquisador da University of Derby, explica que os seres humanos tendem a buscar experiências novas capazes de produzir excitação e que, quando essa busca se associa à tentativa de compreender e solucionar um caso, pode proporcionar uma resposta de adrenalina em um ambiente relativamente seguro (University of Derby, s.d.).

Dessa forma, podemos entender que o instinto de autopreservação caminhou para o entendimento do então desconhecido e as mídias do século XIX também contribuíram para a manutenção dos estigmas e da obsessão

social por tragédias. Exemplos dessa situação foram disseminados entre a população em relação aos crimes, gerando pavor e sendo incentivados pela própria imprensa de Londres. Os veículos de comunicação, buscando aumentar suas vendas, não hesitavam em expor minuciosamente os aspectos macabros dos delitos, aventando hipóteses sobre a identidade do criminoso e até veiculando cartas que supostamente seriam do autor dos crimes. (Vívolo, 2016; BAYER, 2016).

O caso de Jack, o Estripador, (1888) é um excelente exemplo do sensacionalismo inicial da mídia. No final da Era Vitoriana em Londres, jornais como *The Star* e *The Illustrated Police News* desempenharam um papel fundamental na criação de um frenesi público. Eles forneciam detalhes escabrosos dos assassinatos, especulavam descontroladamente sobre a identidade do assassino e publicavam cartas, supostamente escritas por Jack. Isso não apenas alimentou o medo do público, mas também estabeleceu o modelo para a cobertura de crimes reais para impulsionar as vendas de jornais. Tamaña exposição não apenas afetava o trabalho policial e jurídico como também colaborava para criar o senso comum sobre os psicopatas (Mendonça, 2023).

Antigamente, a sociedade acreditava que indivíduos em estados psicóticos eram possuídos por demônios. Acreditava-se que um "ser" desconhecido entrava no corpo do indivíduo, causando distúrbios que poderiam resultar em castigos. Somente os religiosos poderiam restaurar a saúde desses indivíduos. Os romanos foram os pioneiros na categorização dos criminosos, dividindo-os em três categorias de distúrbios mentais: possessos, demoníacos e energúmenos. (Gardenal; Coimbra, 2018).

O termo "psicopata", de origem grega, foi introduzido na Medicina Legal no século XIX, tendo uma história complexa e evoluindo, significativamente, ao longo do tempo; uma vez que eram consideradas psicopatas as pessoas que sofriam de problemas ou enfermidades mentais. No entanto, perceberam que muitos criminosos não demonstravam qualquer tipo de insanidade, dando início a estudos, observações e entrevistas com os verdadeiros psicopatas, conhecidos como "tradição clínica da psicopatia". (Gardenal; Coimbra, 2018).

Entre 1501 e 1596, teve-se uma das primeiras descrições registradas pela medicina sobre a personalidade psicopata de Girolano Cardano, professor de medicina da Universidade de Paiva. O filho deste médico foi decapitado por envenenar sua mulher. Nesta descrição, o médico fala em "improbidade", quadro que não alcança a insanidade completa, pois as pessoas ainda tinham aptidão para dirigir suas vontades. (Oliveira, 2017).

Em 1847, o psiquiatra alemão Julius Ludwig August Koch introduziu o termo para descrever o que chamou de "inferioridade psicopática" (*psychopathische Minderwertigkeiten*). Para Koch, a psicose não era uma doença mental no sentido tradicional, mas uma anormalidade constituinte de caráter. Esta anomalia torna certas pessoas mais propensas a desenvolver comportamentos problemáticos ou criminosos. Ele interpretou esta condição como uma fraqueza ou defeito no desenvolvimento da personalidade. Outros psiquiatras alemães, como Heinrich Hoffmann e Benedict Morel, também estudaram indivíduos que apresentavam tendências criminosas ou desvios comportamentais que não faziam parte de doenças mentais clássicas, como a esquizofrenia. Nesse período, Koch usou o termo "psicopata" para se referir a um grupo de transtornos de personalidade sem a conotação violenta que o termo adquiriu posteriormente. (Oliveira, 2017).

Em 1904, o psiquiatra alemão, Emil Kraepelin, definiu a personalidade psicopática, caracterizando-a como uma personalidade sem desenvolvimento afetivo, volitiva e fronteira com a psicose. Já em 1923, o psiquiatra alemão Kurt Schneider refinou o conceito de psicopatia, descrevendo dez tipos diferentes de personalidade psicopática. Seu trabalho enfatiza características como insensibilidade emocional, impulsividade e manipulação. Schneider foi um dos primeiros estudiosos a usar o termo "psicopata" para descrever indivíduos que representavam um perigo para a sociedade devido aos seus traços de personalidade. (BERTOLDI *et al.*, 2014).

No século XX, pesquisadores como Hervey Cleckley e Robert Hare fizeram contribuições significativas para a compreensão da psicopatia. Em 1941, Cleckley publicou *The Mask of Sanity*, um estudo seminal do transtorno no qual delineou as características básicas da psicopatia. Mais tarde, Robert Hare desenvolveu o Psychopathy Checklist-Revised (PCL-R), uma ferramenta de avaliação que se tornou um dos principais métodos para diagnosticar psicose. Esses estudos solidificaram a psicopatia como um transtorno de personalidade caracterizado pela falta de empatia, manipulação e comportamento anti-social. (Gardenal; Coimbra, 2018).

Cesare Lombroso (1835-1909), médico psiquiatra de notável influência, desempenhou papéis significativos como diretor do manicômio de Pesaro, médico penitenciário em Turim e outras localidades, além de médico militar. Sua trajetória profissional estabeleceu um forte vínculo intelectual com o estudo da delinquência e dos militares, particularmente dos marinheiros. Lombroso é reconhecido por obras seminais como *Gênio e Loucura*, *O Homem Delinquente* e *As mais recentes descobertas e aplicações da psiquiatria e antropologia criminal*. Sua contribuição para a medicina legal foi marcada pela investigação persistente de características físicas e fisiológicas, tais como o tamanho da mandíbula, a conformação cerebral e a estrutura óssea. Ele propôs a teoria do atavismo, que postulava uma hereditariedade biológica para o comportamento criminoso, sugerindo que o "criminoso nato" apresentava traços ancestrais. (Lombroso, 2007).

O tal "criminoso" é geneticamente determinado para o mal, trazendo no seu centro a reminiscência de comportamento adquirido na sua evolução psicofisiológica; uma tendência inata para o crime. Este é o ponto muito criticado de sua teoria, o criminoso não é totalmente vítima das circunstâncias sociais e educacionais desfavoráveis, mas sofre pela tendência atávica, hereditária para o mal. Enfim, o delinquente é doente; a delinquência é uma doença. Ele despreza o livre-arbítrio e não acredita que o criminoso deve ser responsabilizado, uma vez que ele não tem forças para lutar contra seus ímpetos. (Lombroso, 2007).

Em 1893, no livro "As mais recentes descobertas e aplicações da psiquiatria e antropologia criminal", Lombroso (2007, p.06) aponta que "(...) Na realidade, para os delinquentes-natos adultos não há muitos remédios; é necessário isolá-los para sempre, nos casos incorrigíveis, e suprimi-los quando a incorrigibilidade os torna demasiado perigosos".

Os estudos realizados em crânios e esqueletos não conseguem chegar a uma conclusão confiável sobre a relação entre a ossatura e o comportamento psicológico. As evidências são insuficientes para validar a predisposição genética de uma pessoa para a criminalidade, desencadeada pela sua constituição física. (Lombroso, 2007).

As investigações de Lombroso ocorreram aproximadamente há 150 anos, a falta de recursos era um obstáculo para testes. Lombroso não dispunha de informações confiáveis e científicas para se apoiar. Alguns de seus críticos se apegam até mesmo na literatura, como a história dos irmãos corsos: eram xifópagos (siameses) e do mesmo sangue; nasceram ligados e foram separados. Todavia, viveram em ambientes diferentes e cada um formou seu tipo de personalidade. (Lombroso, 2007).

Phillipe Pinel é amplamente reconhecido como um dos pioneiros no campo da psiquiatria, sendo muitas vezes chamado de "pai da psiquiatria". Ele foi um dos primeiros médicos a identificar e descrever cientificamente padrões de comportamento e afetivos que se assemelham à compreensão moderna de psicopatia. Pinel introduziu o conceito de "mania sem delírio" para descrever pacientes que, apesar de demonstrarem comportamentos violentos, tinham a capacidade de reconhecer a irracionalidade de seus atos, não sendo considerados delirantes. (Gardenal, Izabela Barros, 2018, P.4; Costa, 2014).

Ao longo da história, os conceitos de psicopatia e criminalidade estiveram interligados tanto em estudos acadêmicos quanto no imaginário popular. Entre os casos mais emblemáticos do século XIX, destaca-se o de H. H. Holmes, um homem cuja frieza e inteligência o tornaram um dos primeiros assassinos em série a ser reconhecido como psicopata. Seu nome ficou gravado na história não apenas pela quantidade de vítimas, mas também pela engenhosidade e crueldade de seus métodos. (Simply Forensic, 2025; Costa, 2014)

Herman Webster Mudgett, mais conhecido como H. H. Holmes, foi um médico e farmacêutico que usou seu carisma e habilidades manipuladoras para cometer crimes durante a década de 1890. Ele se estabeleceu em Chicago, onde construiu um edifício que mais tarde seria chamado de “Castelo de Holmes” ou “Castelo dos Horrores”. O prédio de três andares e arquitetura labiríntica foi projetado sob medida para facilitar seus crimes. Durante sua construção, Holmes contratava e demitia trabalhadores constantemente para garantir que ninguém tivesse conhecimento completo do design interno. O local continha passagens secretas, escadas que levavam a becos sem saída, portas que se abriam apenas pelo lado de fora, pisos falsos e cômodos equipados com tubos de gás para asfixiar as vítimas. Além disso, havia câmaras de tortura, salas à prova de som e um porão transformado em laboratório macabro. (Simply Forensic, 2025).

Holmes utilizava diversos métodos para assassinar suas vítimas, que em sua maioria eram mulheres jovens atraídas por promessas de emprego ou hospedagem barata. Algumas delas eram asfixiadas em câmaras seladas, onde ele liberava gás sem que percebessem. Outras eram envenenadas ou brutalmente torturadas. Havia relatos de que Holmes até praticava experimentos cruéis antes de matar suas vítimas. Mas sua motivação não era apenas o sadismo. Holmes também usava os assassinatos como forma de enriquecimento. Muitas das vítimas eram persuadidas a assinar apólices de seguro de vida, com ele como beneficiário. Além disso, ele vendia esqueletos e órgãos para universidades de medicina, que na época compravam esses materiais sem questionar sua origem. (Simply Forensic, 2025).

A inteligência e o charme de Holmes o ajudaram a evitar suspeitas por um tempo, mas sua ganância acabou levando à sua captura. Em 1894, uma investigação sobre fraude em seguros começou a expor suas atividades criminosas. Quando as autoridades revistaram o “Castelo dos Horrores”, descobriram provas chocantes, incluindo restos mortais humanos, instrumentos cirúrgicos e registros detalhados de suas vítimas. (Lima *et al.*, 2024).

Holmes foi preso, julgado e condenado à morte por seus crimes. Em sua confissão, admitiu ter assassinado pelo menos 27 pessoas, mas estima-se que o número real de vítimas seja muito maior, possivelmente ultrapassando 200. Ele foi enforcado em 7 de maio de 1896. Relatos dizem que, até seus últimos momentos, manteve um comportamento frio e calculista, sem demonstrar arrependimento. (Lima *et al.*, 2024).

O caso de H. H. Holmes se tornou um marco na criminologia moderna. Ele é frequentemente estudado como um dos primeiros exemplos documentados de um assassino em série psicopata, alguém que comete crimes friamente, sem remorso, e utiliza a manipulação como uma de suas principais armas. Sua história também influenciou a cultura popular, servindo de inspiração para livros, filmes e séries sobre assassinos meticulosos e engenhosos. (Lima *et al.*, 2024).

De acordo com Lima *et al.*, (2024), diversos registros históricos, incluindo reportagens da época e documentos judiciais, evidenciam a habilidade de Holmes em manipular e enganar, ocultando suas verdadeiras intenções sob uma aparência de respeitabilidade. Ele se apresentava publicamente como um empresário bem-sucedido e um homem de negócios de prestígio, enquanto, em paralelo, praticava crimes brutais. Seu comportamento frio e calculista permitia que cometesse assassinatos e fraudes sem levantar suspeitas, demonstrando ausência de remorso. A maneira como atraía vítimas para seu hotel em Chicago, especialmente durante a Feira Mundial de 1893, exemplifica seu alto grau de manipulação e falta de empatia.

Desde a juventude, Holmes demonstrou inteligência acima da média e uma mente estratégica, habilidades que foram fundamentais em sua trajetória criminosa. Ele possuía um perfil extremamente persuasivo e conseguia construir uma imagem de confiabilidade, facilitando sua aproximação com vítimas potenciais. No entanto, por trás desse carisma, havia uma clara falta de empatia e remorso, o que reforça seu perfil psicopático. (Lima *et al.*, 2024).

Diante desses aspectos, as autoras deste parecer identificam em H. H. Holmes características típicas da

psicopatia, como ausência de empatia, manipulação extrema, charme superficial e comportamento narcisista, conforme descrito por Robert Hare em *Without Conscience: The Disturbing World of the Psychopaths Among Us*. A estrutura complexa do chamado "Castelo dos Assassinos", projetado para facilitar seus crimes, bem como o planejamento meticuloso de suas fraudes financeiras, demonstram uma mente altamente calculista. Além disso, seu narcisismo exacerbado o levava a acreditar na própria superioridade, reforçando sua tendência à manipulação e à frieza emocional (Lima *et al.*, 2024).

5 CONCLUSÕES

A análise da trajetória histórica da psicopatia evidencia mudanças significativas em sua compreensão, desde interpretações religiosas e concepções centradas na criminalidade até abordagens científicas voltadas à caracterização de seus aspectos comportamentais e de personalidade. Ao longo desse processo, diferentes contribuições teóricas e instrumentos de avaliação favoreceram uma compreensão mais sistematizada do fenômeno.

Observou-se também que a associação recorrente entre psicopatia e criminalidade, reforçada historicamente pela mídia e por casos de grande repercussão, contribuiu para a formação de estigmas que ainda influenciam o senso comum. Nesse sentido, é fundamental reconhecer que a presença de traços psicopáticos não implica, necessariamente, comportamento criminoso ou violento.

Conclui-se que a compreensão da psicopatia deve considerar sua complexidade e evitar generalizações e associações deterministas. Embora tenham ocorrido avanços importantes em sua investigação, permanecem desafios relacionados à avaliação, à intervenção e à redução dos estigmas associados ao tema, indicando a necessidade de continuidade das pesquisas na área.

6. REFERÊNCIAS

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. Tradução de Sebastião José Roque. São Paulo: Ícone, 2007. 1. reimpressão, 2010. (Coleção Fundamentos de Direito).

ALVARENGA, Marco Antônio Silva ; FLORES-MENDOZA, Carmen E.; GONTIJO, Daniel Foschetti. Evolução do DSM quanto ao critério categorial de diagnóstico para o distúrbio da personalidade antissocial. **Jornal Brasileiro De Psiquiatria**, V. 58, N. 4, P. 258–266, 2009.

BAYER, Diego Augusto. Meios de comunicação na era da desinformação, a reprodução do medo e sua influência na política criminal. **Ratio Juris, Universidad de Buenos Aires / Universidad Autónoma Latinoamericana**, v. 11, n. 22, p. 117-141, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5857/585761561005/html/index.html>. Acesso em: 25 mar. 2025.

BERTOLDI, Maria Eugênia; DOMINGUES, Camila; HUANA, Grazielle; PINTO, Thiago Abdala; PRIMIERI, Yngridy. **Psicopatia**. [S.l.]: [s.n.], 7 out. 2014. p.01-07. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistas-old/index.php/JICEX/article/view/403>. Acesso em: 25 mar. 2025.

COSTA, Carlos Alberto Ribeiro. Os assassinatos imotivados e o advento do moderno debate crime-loucura. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 592-609, ago. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/12561/9745>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MORAES, Fernanda Cesa Ferreira da Silva; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. A noção de psicopatologia: desdobramentos em um campo de heterogeneidades. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 83-93, abr. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-44142018001008>.

Acesso em: 25 mar. 2025.

GARDENAL, Izabela Barros; COIMBRA, Mário. **Evolução histórica do psicopata na sociedade**. Publicado em 25 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/evolucao-historica-do-psicopata-na-sociedade/604499552>> Acesso em: 25 mar. 2025.

LIMA, Ana Dávila Gomes; FARIAS, Francisca Aline Santiago; SILVA, Maria Luisa Moreira da; MACEDO, Yasmin Leitão; MARTINS, Maria Thainá Rodrigues; ARAÚJO, Samila Moreira de; VERAS, Thainá Diogo.

Parecer Psicológico H. H. Holmes. [S.l.]: [s.n.], 10 set. 2024. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nv5nc80e>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MENDONÇA, Ligia Furtado de; PEIXOTO, Álvaro. O crime como ato perverso: uma análise das cartas de assassinos seriais. **Psicol. Estud.**, v. 28, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/qXMBTTwbXRBwZFr6MBypTkb/?utm> . Acesso em: 25 mar. 2025.

MORANA, Hilda C. P; STONE, Michael H; ABDALLA-FILHO, Elias. Transtornos de personalidade, psicopatia e serial killers. [S.l.]: [s.n.], [s.d.] Braz. J. **Psychiatry** 28 (suppl 2), Out 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-44462006000600005>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SIMPLY FORENSIC. **O Legado Sombrio de H.H. Holmes: O Primeiro Assassino em Série da América**. 8 fev. 2025, 13h08. Disponível em: <<https://simplyforensic.com/the-dark-legacy-of-h-h-holmes-americas-first-serial-killer/>> Acesso em: 25 mar. 2025.

ZIMMERMAN, Mark. Transtorno de personalidade antissocial (TPAS). **MSD Manuals**. Set. 2023. Disponível em: <<https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/transtornos-de-personalidade/transtorno-de-personalidade-antissocial-tpas>> Acesso em: 25 mar.2025

OLIVEIRA, Valéria Santos de. **O psicopata frente ao Código Penal brasileiro**. Jus.com.br, 25 ago. 2017. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/60016/o-psicopata-frente-ao-codigo-penal-brasileiro>> Acesso em: 25 mar. 2025.

UNIVERSITY OF DERBY. *Why are we so obsessed with true crime?* Derby Magazine, Issue 11. Disponível em: [University of Derby – Why are we so obsessed with true crime?](#). Acesso em: 10 ago. 2025.

THE HISTORY PRESS. **Jack, o Estripador e a imprensa sensacionalista**. 18 dez. 2015. Disponível em: <<https://thehistorypress.co.uk/article/jack-the-ripper-and-the-tabloid-press/>> Acesso em: 25 mar. 2025.

SILVA, Antônio Geraldo da. **Há diferença entre psicopatia e transtorno da personalidade antissocial?** UNIAD – Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas. Out. 2024. Disponível em: <https://www.uniad.org.br/artigos/antonio-geraldo-ha-diferenca-entre-psicopatia-e-transtorno-da-personalidade-antissocial/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

VÍVOLO, Vitor da Matta. **As vítimas de Jack, o Estripador**. Publicado em 05 mar. 2016. Disponível em: <<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/as-vitimas-de-jack-o-estripador/311572948>> Acesso em: 25 mar. 2025.

HAUCK FILHO, Nelson; TEIXEIRA, Marco Antônio Pereira; DIAS, Ana Cristina Garcia. Psicopatia: o construto e

sua avaliação. **Aval. psicol.**, Porto Alegre , v. 8, n. 3, p. 337-346, dez. 2009 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712009000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 mar. 2025